

O talento de Delfin

Paulo Sant'Ana

A ordem no governo é flexibilização. Acho que esta palavra foi usada pela primeira vez pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, quando lhe faltou coragem para dizer que ia acabar com o monopólio da Petrobrás e afirmou que o propósito era o de flexibilizá-lo.

Em seguida, o ministro da Administração, Luiz Carlos Bresser Pereira proclamou que iria acabar com a estabilidade do funcionário público. Assustado com o impacto da sua pregação, reduziu na declaração seguinte para flexibilização da estabilidade.

Apavorados com o seu amadorismo ao anunciar a criação de bandas cambiais, o que ocasionou uma corrida ao dólar que terminou com a séria turbulência no mercado financeiro, Pêrsio Arida e Gustavo Franco, os chefes do Banco Central, também vieram com a expressão flexibilização cambial, uma forma de desanuviar os espíritos.

O fato é que o mercado financeiro entendeu que o governo poderia mexer na flutuação do câmbio a

qualquer momento, o que provocou um terror financeiro que desabou as bolsas de valores até quinta-feira, queda somente aliviada com a alta espetacular de 25,62% no pregão de sexta-feira.

A imprensa registra disputa de beleza e atritos ideológicos entre Pêrsio Arida, presidente do Banco Central, e seu diretor de Área Externa, Gustavo Franco.

Fernando Henrique chamou-os ao palácio e pediu para que parassem com a rivalidade.

Só que as mancadas de comunicação e o vazamento antecipado da notícia de mudança cambial para o presidente da Argentina, Carlos Menem, deram ao deputado Delfim Netto (PPR-SP) um prato especial.

Ele classificou de quebra da soberania a inconfidência para Menem, criticou a infantilidade dos termos do anúncio na segunda-feira e foi mais longe: disse que houve beneficiários da desvalorização do real, acu-

sando um banco a que não quis nomear mas "que todos conhecem".

Os dois primeiros rounds já foram ganhos por Delfim: o governo admitiu falta de profissionalismo e clareza por parte da cúpula do Banco Central ao anunciar as medidas e confessou que Menem ficou sabendo da criação da banda cambial antes dos brasileiros.

Cresceu o prestígio de Delfim Netto, que ficou com a imagem de que sabe muito mais do que os integrantes da equipe econômica do governo, que parecem simples aprendizes de feiteiro diante dos conhecimentos do ex-ministro da Fazenda e atual deputado.

Saiu arranhado o governo em sua imagem de competência neste duelo. E é ameaçador que no percurso de um Plano Real que deci-

de o destino da economia do país, a opinião pública e a elite empresarial, política e cultural do Brasil ganhem consciência de que Delfim Netto é muito mais competente que o grupo que está no poder.

O ideal é que o mais capaz esteja no governo. Mas se viu neste episódio que ele

está na oposição. E que pode abalar ou até derrubar os que estão no governo a um simples lance de sua esperta lucidez.

A diferença entre Delfim e os atuais governantes é que ele é o que mais detém o conhecimento. E, o que mais tem coragem para dizer as coisas.

Os do governo pretendem uma reforma constitucional radical, mas patinam no eufemismo da flexibilização, que intermedia o medo e a insinceridade. Enquanto Delfim aponta as feridas e acusa com o dedo destemido.

O brilhantismo de Delfim Netto, ainda que lhe contestem os métodos do tempo em que estava no governo, confere-lhe assim, hoje, um prestígio maior do que o do próprio presidente da República, que criou e administra um plano econômico até agora vitorioso. O talento de Delfim é o responsável por este valor inverso.

■ Jornalista de Zero Hora

*Delfim Netto
ficou com a
imagem de que
sabe muito mais
do que os
integrantes da
equipe
econômica do
governo*